

História da Filosofia

14 A Ética de Aristóteles

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Começamos por salientar que a filosofia de Aristóteles, em todas as suas áreas, é teleológica. Ou seja, existem certos fins naturais que representam o funcionamento adequado de tudo aquilo de que estamos falando. Consequentemente, para desenvolver uma ética, Aristóteles aborda a alma humana e suas funções próprias.

E isso envolve distinguir entre a função nutritiva, por exemplo, do que ele chama de alma vegetativa, as funções sensoriais sensíveis, a consciência, o sentimento da alma animal, a função racional da alma racional, que, naturalmente, é o elemento distintivo que diferencia a espécie humana de todas as outras, a alma racional. Assim, em virtude de sua teleologia, segue-se que o bem é o funcionamento adequado, ou, como ele coloca, uma vida plena de acordo com a razão. E, em paralelo, de acordo com a virtude.

Porque a virtude é simplesmente o bom funcionamento. Não sei se você já reparou nessa peculiaridade, mas quando me perguntam como estou, respondo: "Bem, estou funcionando". E eles dizem: "Bom, acho que já é um começo".

Ou será que é só isso? Ao que respondo, em termos aristotélicos, que é ótimo. Funcionamento adequado. Experimente você.

Bem, a questão é que a virtude, como Aristóteles a define, é simplesmente o bom funcionamento. Funcionar corretamente. Funcionar de acordo com o télos interior, a causa final.

Veja bem, trata-se daquilo que supostamente estamos concretizando do nosso potencial essencialmente humano. Ou seja, uma vida plena vivida em conformidade com a razão. Portanto, a noção de virtude é bastante simples nesse aspecto.

O termo grego para virtude, *arête*, tem um significado mais amplo, talvez até mais flexível do que o nosso termo virtude. *Arête* pode simplesmente significar excelência ou qualidade. Portanto, uma pessoa virtuosa é aquela que possui uma qualidade humana.

Veja bem, uma qualidade humana. Uma vida inteira vivida de acordo com o que é distintamente humano. Uma qualidade humana para a vida.

O funcionamento de um ser humano deve ser nesse sentido: a excelência. Lembre-se, portanto, que a virtude abrange a vida como um todo, tanto o comportamento exterior quanto a disposição interior.

Motivação. Intenção. Atitude.

Na verdade, quando se fala em virtude, o jeito usual é falar de virtudes como disposições morais. Disposição é o que te predispõe a certos tipos de comportamento. Entende ? Então é o funcionamento interno que predispõe a pessoa ao funcionamento externo adequado.

Em outras palavras, uma pessoa virtuosa é guiada por seu interior, em vez de simplesmente reagir a estímulos externos. Guiada por seu interior. Que vem do, bem, do coração.

As expressões do Novo Testamento. Orientado para o interior. E a pergunta que surge imediatamente é: bem, se este é o funcionamento adequado, como adquirimos funções adequadas? Como concretizamos essa capacidade de funcionamento como seres humanos? Temos a capacidade, o potencial.

Como isso se concretizará? E aqui se desenvolve a ênfase de Aristóteles no hábito e na formação de hábitos. Porque uma disposição estabelecida é o que um livro recente chamou de hábito do coração. Entende ? Um hábito do coração.

Então, como se estabelece um hábito no coração? Essa é a pergunta óbvia. E quando Aristóteles aborda isso, ele está falando sobre o que hoje chamamos de desenvolvimento moral. Há muita pesquisa em andamento na área da teoria do desenvolvimento moral.

E se estiver falando de desenvolvimento de caráter, provavelmente se baseia no que Aristóteles diz sobre o desenvolvimento das virtudes, porque o caráter nada mais é do que um conjunto de virtudes unificadas de alguma forma. Entende ? Bem, um conjunto de virtudes ou vícios. Bom caráter versus virtudes, claro.

Então, surge a questão da formação de hábitos: por quê? Bem, se estamos falando de uma vida plena vivida de acordo com a razão, então presumivelmente precisa ser um hábito, cuja formação tenha sido guiada racionalmente. Ou não será uma disposição de acordo com a virtude. E então, basicamente, o que ele está dizendo é que precisa haver deliberação e escolha.

Decisão. Ou seja, de uma forma ou de outra, quando uma decisão se faz necessária, quando há dois caminhos a seguir, ou até mais, o que devo fazer? Deliberação sobre os fins que nos dizem o que constitui um bom funcionamento. Deliberação sobre os fins e sobre os meios para atingir esses fins.

E uma escolha de acordo com essa deliberação. Ora, fazer algo uma vez não cria um hábito. Como ele mesmo diz, um pardal só não faz verão .

Nem um único dia basta. Não, mas o que você precisa são decisões repetidas, escolhas repetidas, escolhas repetidas baseadas em deliberação , repetidamente , até que se tornem um hábito mental. São os pensamentos repetidos , as ações ponderadas, que transformam isso em hábito.

Agora, reflita sobre alguns hábitos que você desenvolveu. Dirigir um automóvel, por exemplo, tornou-se um hábito inconsciente. Mas como isso aconteceu? Pensando no que você deveria fazer para o bom funcionamento do carro e decidindo fazer exatamente isso.

Veja bem, isso vale para hábitos físicos, para hábitos mentais e para cultivar a disciplina mental. Tenha em mente o objetivo final, os meios para atingir esse objetivo, a decisão e aja de acordo. Em suma, a formação de hábitos.

Ao mesmo tempo, ele percebe que algumas pessoas terão dificuldades com isso. Porque esse tipo de formação de hábito exige autodisciplina. Ou, se preferir, autocontrole, a virtude da temperança.

Como se adquire temperança se você não a possui, e é preciso temperança para adquirir temperança? Veja o problema circular. Eles sofrem do que ele chama de acrasia, fraqueza de vontade. Não têm a perseverança, a resolução interior, para tomar a decisão e mantê-la.

Fraqueza de vontade. Então, no caso de pessoas que são incapazes de se governar pela razão, como crianças pequenas e outras que, segundo ele, por natureza deveriam ser escravas, elas precisam ser governadas pela razão de outras pessoas, entende? E na educação infantil, hábitos funcionais adequados são incutidos simplesmente pela disciplina.

Mas esse é o reconhecimento dele da falha moral humana, você vai entender. Em Platão, você se lembra da questão em relação aos cavalos alados , trata-se de como controlar os apetites, a vontade própria , as paixões , que não podem ser controladas. Elas precisam ser governadas pela razão.

E se os indivíduos não forem suficientemente racionais para serem governados pela própria razão, como a classe apetitiva dos artesãos, entende?, então eles precisam ser governados por outros. Nesse aspecto, Aristóteles está muito alinhado com Platão. Mas, é claro, a questão é como a deliberação se dá.

Que tipo de processo é esse de deliberação que é capaz de guiar? E a deliberação é tal que buscamos um meio-termo entre os extremos. Ou seja, se uma virtude é o funcionamento adequado de algum aspecto da alma humana, algum aspecto da personalidade, então uma determinada característica da personalidade, um traço de

personalidade, pode estar em excesso, exagerada, desequilibrada, ou pode estar em deficiência, insuficiente. Portanto, o que se busca é aquela qualidade de vida que não seja nem excessiva nem deficiente, mas que atinja o meio-termo, o meio-termo racional, o equilíbrio.

Portanto, o papel da deliberação é encontrar o equilíbrio . Agora, você pode ver como isso funciona se observar novamente a visão dele sobre a alma e como ela opera. Se estivermos falando da alma vegetativa, da vida vegetativa, as funções básicas são nutrição e reprodução.

E o bom funcionamento, nesse aspecto, tem como objetivo final a saúde física. Certo? A saúde física é o bem . Agora, por outro lado, existe a alma animal.

E, nesse sentido, sua atenção se concentra particularmente nas funções sensíveis e sensoriais. Ou seja, especialmente nos sentimentos conscientes, nas emoções e nos apetites, na dimensão apetitiva. E é o funcionamento adequado dessas funções que produz o que ele denomina virtudes morais .

Virtudes morais em que os apetites , os desejos e as emoções estão em equilíbrio. Bem, é claro, também existe a alma racional, com suas funções de pensamento e fala, e de expressão artística.

E aqui, o que você deseja como funções adequadas é As virtudes intelectuais. Virtudes do intelecto. E dentre as virtudes do intelecto, ele distingue duas.

Uma é a razão prática. Ou melhor, a sabedoria prática. E a outra é a sabedoria contemplativa.

Certo? Razão prática, sabedoria contemplativa. Agora, sobre a vida sensível. Sentimentos, desejos.

Esses sentimentos podem ser sentidos em excesso ou em falta. Excesso, carência. O que precisamos, na verdade, é sentir tudo o que fazemos e desejamos, nos momentos certos, em relação aos objetos certos, para as pessoas certas, com a motivação certa e da maneira certa.

Agora, isso é equilíbrio, entende? E é isso que você busca na deliberação. Sentir, por exemplo, raiva no momento certo, em relação aos objetos certos, contra as pessoas certas, com o motivo certo e da maneira certa.

Certo? Sentir fome. Sentir fome. Sentir fome.

Ser guiado por isso nos momentos certos, e assim por diante. Portanto, torna-se uma questão de monitorar e orientar, controlar a vida emocional. Virtudes morais.

E, conforme você foi lendo Aristóteles, você deve ter notado todas as diversas virtudes sobre as quais ele fala. A virtude da coragem, por exemplo; o excesso dessa característica seria temeridade. A deficiência, covardia.

A virtude da generosidade. Sabe, uma atitude de dar para com as pessoas. A deficiência seria a avareza, a mesquinhez.

O excesso, a prodigalidade, o desperdício imprudente. Entende ? Assim, o meio-termo entre os extremos, em termos de bom funcionamento, é definido como manter a vida emocional em equilíbrio. Certo? Lembre-se de que, desde os pré-socráticos, a noção do que é racional, do que é justo, da ordem correta das coisas, sempre se resume a equilíbrio e proporção.

Certo. Então, ele desenvolve a ideia nessa direção. Você pode perguntar: qual é o lugar do prazer na vida moral ? E ele aborda isso em alguns trechos de sua Ética a Nicômaco.

Ele deixa claro que prazer não é o mesmo que felicidade. Felicidade, obviamente, é o bom funcionamento, o bem-estar. Prazer é mais uma emoção, um sentimento, entende?, que pode ser experimentado em excesso ou em falta em relação a coisas erradas, no momento errado, e assim por diante.

O problema com os prazeres é que eles são intermitentes, dependem de eventos externos e estão em grande parte fora do nosso controle. Existem muitos tipos diferentes de prazeres, cada um com seu valor moral variável. Portanto, o prazer não pode ser o bem supremo se o avaliarmos por outro padrão, se o seu valor moral variar.

Afinal, há prazer em sair à noite e há prazer em ler Aristóteles. Duas coisas têm valores morais diferentes, e assim por diante. Não, na realidade, a psicologia moral dele é que o prazer não é um fim em si mesmo, mas sim um subproduto, um efeito colateral da obtenção de certos outros fins, entende?

Você pode ficar tão absorto em se perguntar se vale a pena gastar dinheiro naquela refeição deliciosa fora de casa, que, quando tudo acaba, não tem certeza se realmente gostou. É na atividade gratificante em si que reside o prazer, não no fim, mas como um fim em si mesmo. É um benefício adicional.

Bem, então, os outros dois pontos que precisamos abordar nessa questão do desenvolvimento moral dizem respeito à função do governo no lugar das artes. Porque Platão via ambos como contribuintes para o aprimoramento da alma. Aristóteles também.

Na verdade, isso é característico da teoria política desde o seu início até chegarmos a figuras como Maquiavel. Um renascimento, a ideia de que a função do governo tem a ver com o bem, e não com o poder, com o bem. Então, Aristóteles analisa o governo em termos do *télos* humano, entende? E ele define o ser humano não apenas como um ser racional, mas como um ser social, um ser comunitário.

Por natureza somos seres sociais, diz ele, e isso, o que na tradução é uma frase, por natureza. Em grego, é apenas a palavra *phusai*, uma palavra. Por natureza.

É claro que ele está carregado do significado de toda a sua teleologia. Tudo na natureza tem sua causa final, seu *télos*, seu fim, entende? Em virtude de sua natureza, sua essência, sua forma.

Por natureza, os seres humanos são seres sociais. É da nossa própria essência sermos seres sociais. Só funcionamos corretamente como seres sociais.

Não funcionamos bem isolados. Aristóteles jamais teria conseguido escrever Robinson Crusoe, entende? Daniel Defoe sabia o que estava fazendo.

Ele foi um filósofo social do século XVIII, na era do individualismo. E quando você lê a literatura crítica sobre Defoe, tudo vem à tona. O que Defoe retrata é o ser humano autossuficiente e racional, sozinho em sua ilha, entende? Com suas cabras e seu deus.

As cabras, claro, ele domestica, submete-as ao domínio da razão, como os animais devem ser, entende? E quando os selvagens vêm para o seu banquete canibal, ele certamente não quer ter nada a ver com eles. Na verdade, ele resgata Manfredi, veja bem, e o mantém sob vigilância até que ele esteja suficientemente racionalizado para que possam firmar um contrato social.

Chegam os marinheiros espanhóis. Eles não são suficientemente racionais. Ele não confia neles.

Os marinheiros ingleses chegam, o contrato social e a maneira como navegam levam uma vida mais social, entende? Mas Aristóteles jamais poderia ter escrito isso, porque a concepção de um indivíduo isolado em sua ilha, alheio a tudo, era a de seres sociais, entende? São seres sociais com interdependência, e o bem humano só é alcançado em sociedade em virtude do bom funcionamento da sociedade, não apenas do indivíduo.

Bem, à luz disso, o que ele tenta fazer é desenvolver uma concepção de um Estado ideal, e podemos antecipar que o Estado ideal é aquele que funciona adequadamente. Funciona adequadamente considerando a natureza do Estado e seu

fim próprio. Em outras palavras, o que é uma sociedade justa? Uma sociedade justa é aquela que é racionalmente ordenada para o bem comum.

Que é racionalmente ordenado para o bem comum. Sim. O que é um indivíduo justo e bom? Aquele cujas emoções são devidamente ordenadas para o bem comum.

Quero dizer, para o bem dele, para o bem comum. Então, o Estado , nesse sentido, é o indivíduo em escala ampliada. Ele precisa ser devidamente organizado para o bem comum, e aí o paralelo com Platão começa a se dissipar.

Porque você se lembra que Platão repudiou as formas de governo existentes por considerá-las inadequadas, injustas e instáveis. Aristocracia, democracia, tirania, oligarquia, nenhuma delas funciona. Portanto, ele estabeleceu um único ideal político sob o governo de reis filósofos.

Agora, suspeito que seja porque o ideal de Platão era um ideal que existe apenas no céu transcendente das formas platônicas. Para Aristóteles, as formas existem apenas no mundo dos particulares. Os particulares atualizam as formas de forma imperfeita .

Portanto, podem existir várias atualizações imperfeitas e concorrentes do Estado ideal. Entende? Aristóteles está aberto a constituições políticas alternativas. A tipos alternativos de coisas.

Ele não está interessado na estrutura ideal de uma sociedade justa. Sua preocupação reside, antes, no bom funcionamento de qualquer tipo de sociedade: da família, da educação, das instituições econômicas , como na sua época, a escravidão e as trocas, coisas desse tipo. Bom funcionamento em prol do bem comum.

E, na medida em que sua concepção do bem se refere a uma vida plena em conformidade com a razão, o tipo de educação que ele deseja é o que chamaríamos de educação liberal para uma vida plena em conformidade com a razão. Veja bem, abrangendo todas as áreas da vida. Portanto, o pensamento político de Aristóteles era, então, muito lúcido.

Parece-me que muito do nosso pensamento político neste país é mais platônico do que aristotélico, no sentido de que tendemos a pensar que existe apenas uma forma possível de sociedade justa, ou seja, uma exatamente como a americana, em vez de reconhecer que pode haver uma variedade de alternativas viáveis. Bem, e as artes? E as artes? Aqui, novamente, há uma semelhança inicial e um tanto transitória com Platão quando vemos que ele fala da arte como uma espécie de imitação. Mas a semelhança termina aí.

Para Platão, veja bem, a arte deve imitar a forma, a forma transcendente. Assim, as artes que imitam particulares, indivíduos, até mesmo indivíduos como Sócrates,

estão duplamente afastadas da realidade, porque o indivíduo é apenas ele mesmo, uma cópia da forma. Mas, no que diz respeito a Aristóteles, a arte não é imitação da forma, mas imitação da vida, ou, como é frequentemente traduzido, e para distingui-lo de Platão, este termo é bom, a arte é representacional, sim, mas representação da vida, dos personagens, de suas emoções.

Imagine imitar as emoções alheias, representar as emoções alheias. É exatamente contra isso que Platão alertava em relação às leituras e recitações públicas: imitar as emoções de outras pessoas. Entende ? Uma representação de personagens, suas emoções, suas ações, porque só se consegue enxergar o universal dentro do particular, compreende ? E assim, a arte nos ajuda a focar essa experiência acumulada, de modo que, ao vermos um personagem bem representado, podemos dizer: "Sim, não somos todos assim? Não somos todos assim, entende ?". Porque a genialidade da boa arte reside em nos ajudar a enxergar algo universal dentro do particular .

Nesse sentido, ele considera a poesia, que é uma forma de arte, mais científica do que a história. Isso pode parecer estranho, pois não pensamos dessa forma, mas, em sua época, ele via a história como mera narração de detalhes, um registro histórico, nada mais, uma mera contação de histórias. Já a poesia, por capturar algo universal, está mais próxima do que ele chama de ciência: o pensamento teórico, o pensamento em termos de princípios universais. Ora, o que chamaríamos de crítica de arte, crítica das formas de arte, a crítica de arte e os critérios para a crítica de arte funcionam levando isso em consideração.

Tem a ver com o efeito da representação das emoções no público. Assim, quando se trata de falar sobre drama, por exemplo, ele define características formais apropriadas para um bom drama, preocupando-se com o impacto emocional. Uma boa tragédia deve ser capaz de produzir catarse, particularmente das emoções de medo e piedade, que podem facilmente sair do equilíbrio e nos roubar a coragem.

Sim, senhor. A catarse é uma purificação das emoções, de modo que, em uma boa tragédia, a piedade é despertada, o medo é despertado, e essas emoções são então liberadas no desfecho da tragédia, e a vida emocional é, por assim dizer, purificada e somos capazes, portanto, de nos libertarmos dessas emoções por um tempo, de viver uma vida mais de acordo com a razão. O ideal é certamente menos contemplativo em relação à arte do que Platão, com sua contemplação da própria beleza.

Bem, espero que vocês vejam, então, na teoria política e na arte, como a metafísica subjacente produz os resultados. Lembrem-se do diagrama com o qual brincamos, com Platão? Entendam a metafísica, e a epistemologia é, naturalmente, um corolário disso. Mas como se sabe depende do que se está falando em saber, entendem? E a

partir disso, o pensamento político, a estética, a ética, a teoria educacional e tudo o mais tendem a se desenvolver, e Aristóteles é outro desses casos clássicos.

Bem, era isso que eu queria dizer sobre Aristóteles. Agora é a sua vez, David. Para Aristóteles, conhecer o bem não seria exatamente o mesmo que praticá-lo, porque você tem muito mais vontade do que escolha.

Sim, acho que é isso mesmo. Não existe uma consequência automática de saber o que é bom. Você precisa escolher.

Aristóteles dá mais ênfase à liberdade de escolha. Agora, você diz que conhecer o bem não garante praticá-lo, e frequentemente encontramos autores que afirmam que, para Sócrates e Platão, conhecer o bem significa que se pode praticá-lo. Sim, Sócrates diz algo parecido em certo ponto, mas não creio que essa seja toda a história, então não acho que isso seja verdade nem mesmo para Sócrates e Platão.

E digo isso por este motivo. Se você ler A República de Platão, como certamente fará, não é mesmo, em um desses dias chuvosos, verá que ele fala sobre preparar pessoas para governar com a razão, preparar reis filósofos, pessoas sábias, que governam pela razão.

Acontece que existem pré-requisitos morais para o conhecimento. Ora, se existem pré-requisitos morais para o conhecimento, como pode o conhecimento ser o que torna possível a prática do bem? Entende? Só depois de aprender o autocontrole e adquirir coragem é que você estará pronto para aprender a dialética, que é necessária para conhecer a verdade eterna, compreende? Portanto, existem pré-requisitos emocionais e morais para ser capaz de conhecer, entende?

Então, isso significa que se você sabe o que é bom, automaticamente faz o bem? Bem, não se você levar o mito de Fedro a sério. Você pode estar serrando um sótão com sua carruagem, e o cavalo desgarrado pode derrubar toda a engenhoca, e você estraga tudo. Você não faz o bem, entende?

Então, acho que se você levar em conta toda a perspectiva platônica, não é automático. Se as pessoas sabem o que é bom, elas o farão. Ah, há outra linha de pensamento relacionada a isso: Platão não está falando de um tipo de conhecimento desapegado e isento de valores.

Ele está falando sobre amar a verdade, lembra? E pode ser que, se você realmente ama a verdade, você fará o que ela exige. Eles não estão falando de conhecimento no sentido de uma consciência desapegada, objetiva e impessoal. Bem, o que mais sobre Aristóteles? Ao comparar Platão e Aristóteles, geralmente tendo a concordar com Aristóteles como uma extensão e um aprimoramento do pensamento de Platão, mas em relação à moralidade e à ética, parece que ele perdeu o imperativo moral

transcendente que Platão possuía, pois parece que ele pragmatizou tudo nessa parte transcendente; o aspecto místico simplesmente não está presente, o que parece tão necessário na moralidade.

Pragmatismo versus misticismo. É, sabe, eu concordo com a sua ideia, acho, porque fui eu quem a apresentou, de que a ética de Platão é um estímulo para o misticismo medieval, mas não concordo com essa coisa de pragmatismo. Veja bem, o pragmatismo é definido em termos da crença daqueles que cunharam o termo.

Em particular, John Dewey. O pragmatismo é a visão de que consideramos as crenças e os valores morais simplesmente como instrumentos para atingir objetivos temporários. Para o pragmatismo, os objetivos são sempre de curto prazo.

O que buscamos, acima de tudo, é um bem universal. Dewey insiste que não existe um bem intrínseco. Tudo é instrumental.

Ora, isso não é Aristóteles. Para Aristóteles, existe o bem intrínseco. Veja bem, funcionar adequadamente como ser humano é intrinsecamente bom.

Veja bem, a noção dele de bem supremo, o bem maior, parte do princípio de que ele deve ser intrinsecamente bom, não apenas instrumental, e Dewey discordava completamente disso. Ora, suspeito que, ao propor a disjunção entre pragmatismo e misticismo, você esteja questionando, com suas formas iminentes, se ele possui algum ideal verdadeiramente universal. Veja bem, aqueles que não o possuem são pragmatistas. Bem, Aristóteles não era pragmatista, mas será que ele tinha algum ideal universal? Sim, tinha.

Você não precisa ser platônico para ser um absolutista ético. Veja bem, o que é absolutamente bom é viver uma vida plena de acordo com a razão, com virtude. As virtudes são boas.

Você deve buscar as virtudes. Ele é inequívoco quanto a isso. Por quê? Porque, embora as formas estejam dentro de particularidades, elas ainda são princípios universais.

Veja bem, não é preciso ter universais transcendentais para ter universais, contanto que você tenha universais. O oposto do que é relativo é o que é universal. Aristóteles já tinha isso em mente.

Agora, se o que você está dizendo é: "Ah, mas ele não nos dá um conjunto completo de regras absolutas para vivermos", não, mas ele nos dá virtudes absolutas para incorporarmos, entende? Porque a dele é uma ética da virtude, e essa ideia de enumerar regras absolutas para vivermos só surge na teoria ética no século XVIII. Veja bem, o reconhecimento é que, embora existam, sim, ideais morais universais, e

certas regras decorram disso, se uma ética é teleológica, ela precisa ser orientada primordialmente para o fim.

Sinceramente, acho que é aí que reside a ética bíblica. Penso que ela é orientada para um fim . Veja bem, a moral bíblica fala da semelhança com Cristo como o objetivo.

Você pode dizer: "Sim, mas e os Dez Mandamentos?". Sim, de fato, mas a essência é: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força, e ao teu próximo como a ti mesmo". Veja bem, é disso que se tratam.

Eles estão simplesmente dizendo o que significa o amor quando aplicado a viver uma vida plena. Significa que você buscará os propósitos de Deus nessas diversas áreas de responsabilidade moral. O que isso significa é que existem certas coisas que você não fará.

Então, nesse sentido, acho que Aristóteles não é um pragmatista. Não. Ele tem algum ser transcendente? Sim, ele é Deus.

Assim, o bem está, em última análise, ligado ao tipo de unidade ordenada que o próprio ser de Deus mantém, sustenta. Não mencionei, talvez devesse ter mencionado, que quando ele fala de sabedoria contemplativa, a contemplação mais elevada é a contemplação daquele que incessantemente contempla a sua própria contemplação. Contemplando Deus, nesse sentido.

Então, ele tem essa nota platônica, mas sem seguir a direção transcendental que o misticismo posterior toma, o que Platão não fez, mas o misticismo posterior faz. Faz sentido? Você quer voltar a esse assunto? Ah, sim, provavelmente não. Às vezes, percebo que em uma aula introdutória, onde, sabe, temos apenas um dia para estudar Aristóteles, os alunos iniciantes costumam dizer: "Ah, Aristóteles era relativista".

Veja bem, como eles chegam a essa conclusão? Bem, porque ele fala em encontrar o equilíbrio, em vez de apontar exatamente o que você deve fazer. Mas dizer "encontrar o equilíbrio" é apontar exatamente o que você deve fazer. Ou seja, traduzindo para a linguagem cristã, use os dons que Deus lhe deu e forme sua própria opinião à luz de todas as informações que você recebeu.